

O ESPAÇO ENTRE NÓS E OS OUTROS

Christine Mello (PUC-SP/FAAP)

RESUMO:

O presente artigo compreende aspectos relacionados a práticas colaborativas na arte contemporânea a partir da experiência da exposição *Lucas Bambozzi – o espaço entre nós e os outros*, apresentada no Laboratório Arte Alameda, em 2011, na Cidade do México. A partir de uma aproximação crítica com o percurso poético do artista, que se dedica principalmente a plataformas audiovisuais e à arte em rede, buscaremos examinar o contexto processual em que tal proposta curatorial foi articulada no sentido de oferecer bases para a compreensão da experiência de troca entre a exposição e a comunidade local.

Palavras-chave:

Práticas colaborativas; curadoria; Lucas Bambozzi; alteridade; redes sociais.

ABSTRACT:

This article covers aspects related to collaborative practices in the contemporary art from the experience of the exhibition Lucas Bambozzi - the space between us and others, presented in Laboratorio Arte Alameda, in 2011, in Mexico City. From a critical approach to the poetic journey of the artist, which is principally engaged in the audiovisual platforms and net art, we seek to examine the procedural context in which such curatorial proposal was articulated in order to provide bases for understanding the experience of exchange between the exhibition and the local community.

Keywords: Collaborative practices; Lucas Bambozzi; curatorship; alterity; social networks.

Ao ser convidada, em 2010, pelo Laboratorio Arte Alameda¹, instituição pública situada no centro histórico da Cidade do México, para realizar a curadoria da exposição do artista brasileiro Lucas Bambozzi², propus apresentar um conjunto significativo de suas obras, até então, nunca reunidas dessa maneira. Foi a oportunidade de mostrar - diante da densidade cultural e política que é o México - o percurso poético de um artista que vem desenvolvendo, nas últimas décadas, práticas colaborativas na arte contemporânea por meio de um trabalho intenso e experimental com as novas mídias.

Lucas Bambozzi – o espaço entre nós e os outros é o nome dado à exposição que reuniu - entre abril e junho de 2011 - um conjunto de vinte obras do artista na capital mexicana. Organizada por meio de três núcleos curatoriais: *Arquiteturas possíveis*,

Transpasses e Presenças insustentáveis, a exposição buscou explorar certas lógicas que determinam as relações humanas.

Localizadas entre a esfera íntima e a pública, tais lógicas revelam maneiras de implicação do sujeito em face às estratégias coletivas junto a uma determinada comunidade. A exposição utilizou para tanto recursos processuais não apenas provenientes das obras em exibição, mas também encontros e espaços de troca, integrando de modo mais complexo o artista e as pessoas da cidade.

Ao falar sobre *o espaço entre nós e os outros* a proposta curatorial apontou relações de alteridade compreendidas na poética de Lucas Bambozzi por meio dos embates entre a experiência própria e a necessidade de afrontar a experiência do *outro*, entre processos de assimilação e de diferença, entre a existência do *outro* inscrita como processo conflituoso.

As experiências em torno à exposição comportaram agenciamentos que merecem alguma atenção e destaque. Dizem respeito a práticas em que o contato do artista com a comunidade local foi ampliado por meio de encontros abertos (formados ora por oficinas, blogs, ações educativas, exibições de vídeos e filmes, ora no contato direto com os espaços da cidade). Neles, o público era convidado a reconstituir alguns de seus trabalhos. Em tais práticas, mobilizados pelo contexto da Cidade do México, o âmbito público e o privado, o social e o pessoal, se mesclaram e se confundiram constantemente.

Abordarei, aqui, em um primeiro momento, aspectos sobre o percurso poético de Lucas Bambozzi - presentes nos trabalhos reunidos na exposição *Lucas Bambozzi – o espaço entre nós e os outros* - no sentido de oferecer, em um segundo momento, bases para a compreensão do contexto processual em que tal exposição foi articulada.

1) Aspectos sobre o percurso poético de Lucas Bambozzi

A partir do final da década de 1990, Lucas Bambozzi, com suas práticas artísticas pensadas para plataformas audiovisuais, especialmente as que envolvem o vídeo, o cinema, as linguagens digitais, a instalação, a interatividade, a performance e

intervenções no espaço público, tornou-se também um importante expoente da arte produzida junto às redes comunicacionais, como a internet e as mídias móveis.

No decorrer de seu percurso poético, Bambozzi tem desenvolvido uma visão muito particular da situação real, com a qual formula constantes trânsitos com a ficcional. É por meio de estratégias como essas, de contaminação de uma realidade em outra, que ele trata a experiência de linguagem. São poucos os artistas de sua geração que compreendem com tamanha clareza os mecanismos de apresentação do contemporâneo, em especial, a apresentação de situações associadas à consciência do que somos e à consciência de uma memória pessoal que é coletiva.

A determinação daquilo que é relevante na sua obra como um todo está em conexão com a sua posição política de colocar em crise o sujeito no espaço social. De acordo com sua visão, esta postura associa modos como o sujeito é visto no mundo hiperconectado dos espaços comunicacionais da atualidade.

Tais operações artísticas revelam, muitas vezes, estruturas perversas de consumo sedimentadas nos ambientes sociais em rede e nos dispositivos tecnológicos. Falam sobre a cultura da visibilidade e a espetacularização da intimidade. Abordam as redes sociais, como o Facebook e o Google, as bases de dados de comércio eletrônico, os modos como os governos têm acesso a dados pessoais, a quebra de sigilo em relação a dados das operadoras de celular e os rastreamentos na rede, que acabaram com qualquer pretensão de privacidade. Enfatizam o problema da exposição indesejada do sujeito.

O artista assume, para tanto, uma postura crítica em relação aos aspectos ideológicos que integram a sociedade informatizada, conduzindo, desse modo, interesses da arte contemporânea em suas relações com a sociedade, a história e a cultura.

Se é possível observar que a sociedade tecnocientífica oculta estruturas de poder por meio de seus dispositivos, a obra de Bambozzi busca pequenos espaços de desvio a partir dos quais se consegue desvelar aquilo que nestas situações permanece silenciado. O artista articula um tipo de discurso que não tranquiliza, tampouco concilia, mas que torna visível o que nelas se encontra reprimido,

suprimido, ilegível. Com esta finalidade, coloca sua atenção em determinados mecanismos invisíveis, triviais, onde cotidianamente forjam-se processos de sociabilidade.

O ponto central para Bambozzi relaciona-se com uma maneira de inquietar as relações humanas mediante o enfrentamento do sujeito com a vida coletiva, principalmente no que tange seu contato com sistemas tecnológicos de caráter intrusivo, pervasivo, referentes à invasão de privacidade.

No capitalismo pós-industrial em que vivemos o paradigma disciplinar é aquele do controle descentralizado indicado por Deleuze, em que o sistema panóptico de vigilância foi destruído e pulverizado em inúmeros mecanismos digitais modulares de controle³. Por esta concepção, vivenciamos uma obsessão desmedida pela segurança, em que as câmeras de vigilância, os mecanismos de rastreamento da internet (como os *cookies*), o código de barras que unifica todas as informações em um padrão universal e os *chips* de localização via satélite (GPS) são alguns dos novos modelos de controle que substituem a visão centralizada do panóptico de Bentham.

Neste sentido, o foco de atenção de seu trabalho recai sobre o ato de produzir experiências de estranhamento do sujeito diante deste *outro tecnológico*, diante dos chamados dispositivos de desejo e de captura que compõem o contemporâneo.

No mesmo movimento em que seus trabalhos desvelam técnicas intrusivas da privacidade, o contato com sua obra faz com que o sujeito, protegido em seu aparente anonimato, questione até que ponto ele mesmo não acata as situações ilícitas dos espaços informacionais e compartilha com o invasor uma mesma realidade.

De certa maneira, proporciona de modo irônico, a possibilidade de cada indivíduo se posicionar de modo mais ativo, fazendo com que cada um se observe paradoxalmente na função de invadido e invasor.

Os processos coletivos propostos por Lucas Bambozzi podem ser assim traduzidos sob a forma de uma poética da intimidade mediada. O trabalho apresenta-se como um manifesto sobre a intimidade e a identidade em plena era da informação. Para

tanto, Bambozzi chama atenção para as novas formas de coerção e invasão da privacidade advindas dos processos informacionais em plena cultura das redes. Para ele, a prática artística deve oferecer ferramentas críticas de reversão do sistema hegemônico de comunicação. Sistema esse que dita boa parte das relações humanas no cotidiano, como as instituídas pelas câmeras de vigilância, pelas articulações intrusivas da internet e das mídias móveis e pelo conjunto sem fim de práticas não-autorizadas que ocorrem habitualmente no espaço público das redes informacionais.

Ao nos fazer ver de outro modo as mensagens que circulam em tais redes, Lucas Bambozzi subverte a linguagem assertiva que nelas predomina, possibilitando um estado mais ambíguo, ou uma amplificação do sujeito frente à vida coletiva e aos mecanismos vigentes de controle da informação.

Ao considerar as informações pessoais como uma gaveta vasculhada pelo *outro*, as experiências que proporciona confrontam o sujeito entre a instância privada e pública, em termos dos acessos que faz das mensagens que espreita e do universo íntimo descortinado pelo *outro*.

Bambozzi provoca com essa prática uma realidade inversa à noção de acesso democrático e espaço de liberdade comumente associados aos espaços tecnológicos da atualidade, destacando que a relação do sujeito com as redes sociais não é de natureza consensual e estável, mas permeada por situações conflituosas, instáveis, jogos manipulatórios, *voyeurismo* e tensões.

O artista promove tais experiências de modo a não isentar o sujeito de enfrentamentos e fricções com o espaço social. Ao contrário, busca nele gerar condições críticas de contato, bem como gestos sutis destinados a perceber modos diferenciais de diálogo diante de tais realidades. Oferece, com isso, um nível de ambiguidade capaz de fazer o sujeito entrar num jogo desconcertante sobre os conflitos da sociedade contemporânea, assim como com certos dilemas da vida real.

A origem das suas experiências está na compreensão da atitude artística como decorrente de uma história pessoal face ao coletivo, assim como dos embates fora de controle que a vivência de uma dada situação propicia. Implica pensar, mais que

tudo, em práticas colaborativas de natureza conflitiva e na coexistência do *outro* diante da produção de sentido.

2) Aspectos da exposição na Cidade do México

O Laboratório Arte Alameda, instituição pública que realizou a exposição *Lucas Bambozzi – o espaço entre nós e os outros*, integra o Instituto Nacional de Bellas Artes e o Conaculta (Conselho Nacional para a Cultura e as Artes), organismos do Governo Federal do México.

A instituição ocupa o antigo Convento de San Diego, cuja construção se iniciou em 1591. Consta de seis grandes salas: o átrio, a nave principal, a Capela de Dolores, o claustro e o coro, que conservam em boa parte sua arquitetura original. Ademais, possui uma sala anexa de construção recente. O edifício fica no Centro Histórico, em frente à Praça Alameda Central, próximo ao Palácio de Bellas Artes.

A exposição individual do artista brasileiro Lucas Bambozzi - diante do público mexicano - procurou oferecer já em seu título certo nível de estranhamento. No caso, o título, apresentado em língua portuguesa a um público que fala espanhol, buscou chamar atenção da língua materna do artista, mostrando ser ele um estrangeiro no país. A relação conflituosa existente no título - entre línguas diferentes - situa a necessidade no público mexicano de produzir diálogos em língua estrangeira ou mesmo a perspectiva de um contexto transcultural.

A proposta do título da exposição em português busca enfatizar, com isso, contrastes e referências embaralhadas. Denota, portanto, traduções, cruzamentos, espaços nos quais o contato com *o outro*, com o estranho, converte-se num mesmo lugar de troca.

Tal efeito é parte do jogo curatorial em chamar atenção da necessidade do público mexicano de entrar em contato com a exposição por meio de mecanismos de diferença, por um realinhamento entre línguas, entre culturas que se misturam e por processos de alteridade. Refere-se ao *outro* como condição indispensável para a conduta reflexiva. Ou mesmo, à necessidade de cada sujeito de ser confrontado.

Trata-se de um lance existencial, de índole sartreana, em que o olhar do *outro* é condição para a consciência de si. Um lance existencial, baseado na experiência cotidiana, que designa o *outro* como o limite de nossa liberdade.

Outra faceta do título diz respeito ao desejo de conferir a noção de *intimidade* por meio do uso gramatical da primeira pessoa do plural. Neste caso, o *nós* presente no título, objetiva oferecer noção de intimidade junto a um espaço coletivo de convivência. Da mesma forma, há o desejo de conferir a noção de *atravessamento do sujeito pelo espaço coletivo* por meio do uso do termo *os outros*.

Objetiva-se, com isso, no jogo curatorial - não apenas constituído no título, mas também na seleção dos trabalhos e nos encontros abertos com a comunidade local – a ideia de *o espaço entre nós e os outros* como um modo de enfatizar distâncias e aproximações pessoais, ou mesmo enfatizar os enfrentamentos cotidianos entre a esfera íntima e a pública.

Se, como explica Suely Rolnik, “os regimes totalitários não incidem somente na realidade concreta, mas também nessa realidade impalpável do desejo” - ainda que traduzido sob a forma de estar em contato com o *outro* - esse estranho, desconhecido e infernal que habita cada um de nós, aparece no título da exposição como o motor de toda a dinâmica poética de Lucas Bambozzi. O jogo curatorial procurou mostrar, assim, que nada em sua obra é linear: nem o *outro*, nem o mundo, nem sequer o desejo.

É desse modo que a proposta curatorial *Lucas Bambozzi – o espaço entre nós e os outros* busca evidenciar a maneira como estes elementos podem ser percebidos na poética do artista como fruto das convivências e enfrentamentos entre os sujeitos e estranhezas contemporâneas.

3) Aspectos da curadoria de processo

Importante ressaltar que a exposição *Lucas Bambozzi – o espaço entre nós e os outros* é também uma proposta de *curadoria de processo* que desenvolvi baseada na teoria de Cecilia Almeida Salles⁴ sobre as redes de criação.

Em suas discussões teóricas, Salles apresenta a *curadoria de processo* sob a forma de exposições que mostram a documentação de processos de criação. Como uma prática que visou mostrar o processo criativo de Lucas Bambozzi e da própria exposição em forma de rede, a proposta curatorial buscou produzir nexos complementares por meio dos encontros abertos com a comunidade local.

Os encontros abertos foram constituídos por meio da ativação intensiva da presença do artista junto ao público mexicano em oficinas, debates, blogs, ações educativas, exhibições de vídeos e filmes, assim como do seu contato direto com os espaços da cidade. As articulações que envolveram tais atividades foram iniciadas três meses antes da abertura da exposição e finalizadas três meses após o seu término, redimensionando e ampliando a duração da exposição e o contato do artista com a comunidade local. Mostram a relevância das práticas colaborativas no contexto de apresentação de uma exposição e a inscrição do trabalho nas relações produtivas com a cidade.

Tais atividades contaram com o apoio da direção e de grande parcela da equipe do Laboratório Arte Alameda, principalmente com a colaboração de Ana Sol (responsável pelo Serviço Educativo do Laboratório Arte Alameda) e também com o trabalho precioso e altamente dedicado das assistentes curatoriais Josy Panão e Ana Luisa Nossar.

Os procedimentos relacionados à *curadoria de processo* abarcaram ações dialógicas, críticas e sensoriais, que criaram outros modos de relação entre a mostra e seu público. Neste sentido, colocou em contato e tornou visíveis processos que normalmente ficam ocultos à vista dos espectadores durante a montagem de uma exposição.

Com este fim, contou com uma série de atividades, tais como oficinas criativas com jovens artistas radicados no México, projeções comentadas pelo artista, conferências, mesas de discussão e um blog (<http://oespacoentrenoseosoutros.wordpress.com>), hospedado no site do Laboratório Arte Alameda (www.artealameda.bellasartes.gob.mx). Neste blog mostrou-se a rede formada através de fotos, vídeos e demais documentos do processo, tais como testemunhos do artista, críticos e instituições convidadas (Casa Vecina, Cineteca

Nacional Mexico DF, Fundação Jumex e MUAC/Museo Universitario de Arte Contemporânea da Cidade do México, por exemplo), assim como dos visitantes do site. Ao final, produziu um vídeo, como uma espécie de documentação da proposta curatorial e seus processos.

O objetivo central de instrumentalizar a exposição como uma *curadoria de processo* era “ver por dentro” os conceitos gerais que orientaram o evento e produzir uma ampliação da experiência expositiva, não permitindo que o artista brasileiro Lucas Bambozzi fosse apresentado por meio de uma visão hegemônica junto ao público mexicano.

O público foi convidado a participar - deste outro modo - da exposição por meio não só da partilha dos espaços criativos que permearam a montagem da exposição, mas também por meio da convivência íntima e colaborativa com o artista em espaços diversos e heterogêneos na cidade, assim como em espaços on-line.

Essa é parte da compreensão relacional desenvolvida por Cecília Almeida Salles de *redes da criação*, experimentada aqui sob a forma de *curadoria de processo*, por meio de colaborações contínuas, que permitiram ao artista Lucas Bambozzi produzir um contato intensivo e ampliado com diversas pessoas e instituições da Cidade do México. Tais tipos de procedimentos curatoriais não determinam a exposição em seu estatuto de acabamento, ao contrário, colocam a como um sistema mutante, em constante interação com o seu ambiente.

A exposição *Lucas Bambozzi – o espaço entre nós e os outros* foi composta também por uma programação audiovisual exibida tanto no Laboratório Arte Alameda quanto na Cinemateca Mexicana. No programa, foi reunido um conjunto de seis vídeos experimentais e um documentário longa-metragem do artista: ***Love stories*** (1992), ***Ali é um lugar que não conheço*** (1997), ***Eu não posso imaginar (I have no words)***- partes I e II (1999), ***Aqui de novo*** (2002), ***Desvios, derivas e contornos*** (2007), ***Is your life like a film?*** (2007) e ***Do outro lado do rio*** (2004). Tais obras são testemunhos de um mundo em trânsito, um fenômeno que institui o habitat das fronteiras. Numa área de limites imprecisos do espaço comum nelas intercambiam-se: identidades e incertezas, ficção e documentário, oscilação de sentimentos, fascinação ante o desconhecido, ante aquilo que ainda não aconteceu e que

aparentemente está próximo, convivência em espaços públicos e desejos privados. Ampliaram - desse modo - reflexões sobre processos de alteridade apresentadas nas obras dos três núcleos curatoriais: *Arquiteturas possíveis*, *Transpasses* e *Presenças insustentáveis*.

Nesse sentido, a noção de práticas colaborativas é associada na exposição *Lucas Bambozzi – o espaço entre nós e os outros* não só ao conjunto de práticas artísticas efêmeras e relacionais de Lucas Bambozzi, mas também é associada às relações produzidas na *curadoria de processo*. Em ambos, trata-se de um trabalho de natureza porosa, processual, feito com o *outro*. Advém inicialmente da consciência de cada um dos sujeitos diante de sua própria presença no ambiente criativo. Tal procedimento diz respeito não só a uma maneira de fazer e mostrar arte como também a mecanismos complexos de produção de sociabilidade, de estar em contato e de processar o *outro* diante de uma dada realidade.

¹ O convite partiu de sua diretora Tania Aedo e de sua curadora Karla Jasso. Maiores informações sobre a instituição procurar em www.artelamedabellasartes.gob.mx

² Nascido em Matão, SP, Brasil (1965). Vive e trabalha em São Paulo. Maiores informações procurar em www.lucasbambozzi.net/

³ A presente consideração foi elaborada em 2005 a partir de um diálogo com a pesquisadora Nina Velasco e Cruz.

⁴ Uma das principais teóricas da Crítica Genética que desenvolve o conceito de *crítica de processo* e de *criação como rede* a partir da abordagem dos processos que envolvem a criação da obra de arte. Vive e trabalha em São Paulo, sendo professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Referências:

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo?. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

MELLO, Christine. Lucas Bambozzi: redes sociais e enfrentamento. In: **Porto Arte**: Revista de Artes Visuais, Porto Alegre, v. 17, no. 28, p. 59-70, mai. 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto alegre: Sulina, 2011.

SALLES, Cecilia A. Curadoria de processo. In: _____. **Arquivo da criação**: arte e curadoria. Vinhedo: Horizonte, 2010. p. 201-218.

_____. **Redes da criação**: construção da obra de arte. 2ª. Ed. Vinhedo: Horizonte, 2008.

Christine Mello:

Crítica, curadora e pesquisadora em Arte e Comunicação. Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP e da Fundação Armando Álvares Penteado/FAAP. Possui pós-doutorado em Artes Plásticas pela ECA-USP, sendo doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. É autora do livro Extremidades do vídeo (Editora Senac, 2008) e co-autora de Tékhné (MAB, 2010).

22º Encontro/ 2013

Ficha de Submissão de Comunicação

Nome do(s) autor(es)/ IES:

Christine Pires Nelson de Mello